



EDIÇÃO 18 - 2º SEMESTRE DE 2014

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 23/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 22/12/2014



A INSUFICIÊNCIA SEMÂNTICA NO CONCEITO DAS VOZES VERBAIS: UM ESTUDO SEGUNDO O ENFOQUE DE BERNARD POTTIER

MICHELLE DE CHIARA FERREIRA
Liceu Literário Português - NUPEQ

RESUMO: Essa pesquisa enfoca os conceitos das vozes verbais e a sua insuficiência semântica para a compreensão do aluno nos estudos da língua. O autor apresenta a importância da semântica como parte fundamental da linguagem e estuda os Parâmetros Curriculares Nacionais em Língua portuguesa como um auxílio didático ao professor e como esse documento enfoca o estudo semântico nas aulas de língua materna. O trabalho também fala sobre o papel do professor e de sua ação diante da falta de explicação semântica em muitos conceitos que a gramática apresenta. O trabalho apresenta as teorias das vozes verbais de acordo com a gramática tradicional e também de acordo com o linguista e professor Bernard Pottier que apresenta mais seis classificações para as vozes, segundo uma perspectiva semântica. A fim de aplicar as teorias apresentadas, foram selecionados vinte ditados populares, e analisados segundo a classificação proposta por ambas as partes e desta forma podemos constatar que a gramática tradicional classifica as vozes pelo critério estrutural, enquanto o linguista francês Pottier usa o critério semântico.

Palavras-chave: semântica, gramática, teoria, vozes verbais, ensino.

ABSTRACT: This research focuses on the concepts of verbal voices and their lack of semantic explanation for student understanding in language studies. The author presents the importance of semantics as a fundamental part of the language and studying the National Curriculum for Portuguese Language as a teaching aid to the teacher and how this document focuses on the study of semantic classes in the Portuguese language. This academic work also discusses the teacher's role and his action at the lack of semantic explanation in many concepts shows by grammar. This research presents the theories of verbal voices according to traditional grammar, and also according to the linguist and professor Bernard Pottier which shows more six classifications for the voices, according to a semantic perspective. To apply the theories presented, twenty popular sayings, and analyzed according to the classification proposed by both parties and this way we can see that the traditional grammar classifies voices by structural discretion, while the French linguist Pottier uses semantic discretion.

Keywords: semantics, grammar, theory, verbal voices, teaching.

INTRODUÇÃO

A tradição gramatical classifica as vozes verbais em três tipos: ativa, passiva e reflexiva. Isso dificulta o processo de reflexão lógico-semântica, de ensino-aprendizagem da língua.

Em sala de aula, observamos alunos que questionam as classificações das vozes verbais, segundo o ensino da gramática tradicional, porque pensam no sentido expresso pelo contexto da frase e não pela sua estrutura. De acordo com essa visão reflexiva sobre o real sentido das vozes do verbo, achamos conveniente fazer um estudo que vai além da tradição, a fim de apresentá-lo a partir do olhar de outros estudiosos da língua que discutem suas teorias e pontos de vista.

Para tal, confrontaremos as teorias existentes sobre o estudo das vozes verbais apresentando o enfoque da gramática tradicional e o enfoque semântico Pottier (1967) que é respaldado Macedo (1991).

Com o intuito de compararmos as teorias expostas, analisaremos vinte ditos populares, frases comuns do dia a dia do povo, e os classificaremos de acordo com a visão oferecida pela gramática tradicional e por Pottier (1967).

1. A semântica e a sua importância para o estudo da língua

Para falar de semântica precisamos apresentar do signo linguístico. O signo é formado por um significante e um significado, conforme o a proposta de Saussure. Para Alonso, o signo é a soma de um significante + um significado geral + significados parciais + percepções sensoriais + psíquicas etc. Em outras palavras, é composto da parte física, que nos levará a parte mental a partir de uma complexidade de informações psíquicas associadas ao ato comunicativo.

O significado é importante para os estudos gramaticais, principalmente se o estudo se situa no nível da frase. Não se pode ter uma gramática sem levar em conta o seu significado.

Por isso ao analisarmos uma sentença, devemos estar atentos ao signo linguístico que está sendo empregado, pois a palavra se realiza dentro do texto e mediante ao contexto, a fim de que a comunicação entre locutor e interlocutor seja satisfatória.

As palavras estão condicionadas à ordem estrutural da frase na língua, o que também colabora para o entendimento do enunciado:

Mesmo que uma pessoa memorize um dicionário inteiro, não terá condições de falar uma língua estrangeira se desconhecer os princípios de estruturação (...). O texto funciona como um quadro, uma pintura cuja mensagem reside no global e não no parcial. (Macedo, 2012, p. 17)

Quando ensinamos uma língua, ao formarmos frases, temos que estar atentos ao sentido da mensagem que se pretende alcançar durante o processo comunicativo. Logo, a semântica é parte intrínseca ao ensino de qualquer idioma. Como lembra Coseriu, o sentido é a significação que se comprova no texto. Na língua se apreendem significados; no texto se apreendem sentidos. De modo geral, o sentido corresponde àquilo que o texto quer dizer.

Quando escrevemos ou falamos um enunciado verbal, não nos prendemos somente a estrutura frasal (embora a sintaxe seja parte fundamental da língua), mas temos um conjunto de palavras que traz consigo uma mensagem, que muitas vezes pode ser interpretada por diversos sentidos. A compreensão desse enunciado só será eficaz, se for analisada mediante ao contexto do ato comunicativo. Cabral (2001, p. 30) faz o seguinte comentário sobre a semântica:

A produtividade linguística, isto é, a possibilidade de dominar qualquer experiência passível de ser sentida, percebida ou conhecida pela mente humana se vale, igualmente, de recursos semânticos. A rigor, qualquer signo possui um potencial virtual, ou seja, todo signo é polissêmico, por natureza, e está apto a recobrir novas significações (...). Os signos atualizados na enunciação adquirem sentidos individuados e passam a apontar para os referentes evocados pelos participantes do discurso, dentro de coordenadas espaços-temporais.

Então, em se tratando do estudo das vozes verbais, percebemos que o critério para a classificação da voz somente em: ativa, passiva e reflexiva, é insuficiente para a compreensão dos alunos. Segundo os compêndios gramaticais nos ensina, essa classificação é baseada apenas nos aspectos estruturais da sentença, e não considerando a análise de sentido entre o sujeito e seu predicado.

Para que uma melhor contextualização, é preciso apresentar os fatos da língua de acordo com três aspectos: o estrutural, o semântico e o semântico-estrutural.

Segundo a posição estrutural, não se leva em consideração o sentido, somente a forma, trabalha-se com a análise material e por isso, várias classificações gramaticais na língua mostram-se incoerentes, como por exemplo, a frase:

- (a) Marília ganhou um carro no sorteio. (b) Marília lavou o novo carro.

De acordo com a *posição estrutural*, as duas frases são ativas. Não se leva em conta o fato do sujeito no exemplo (a) não ser o agente, mas receber a ação; e no exemplo (b) o sujeito ser o agente da ação de lavar.



Neste enfoque, despreza-se a significação que é o mais importante na comunicação, enquanto a análise estrutural é o foco para a classificação.

A *posição semântica* já prioriza o significado e não o significante, pois a mensagem é o que interessa na língua.

As duas visões expostas acima são totalmente opostas.

A *terceira posição semântico-estrutural* considera os dois aspectos: o semântico e o estrutural. O aspecto semântico ressalta a noção de valor e valor decorre da noção de função. Dessa forma a posição “semântico-estrutural” é funcional.

A gramática tradicional mistura as três posições ao longo das interpretações. A noção de verbo ativo da gramática tradicional é ora estrutural, ora semântica, e nunca semântico-estrutural, conforme citamos nos exemplos acima (a) e (b), causando a confusão entre nomenclatura e sentido no ensino da língua.

No próximo item, apresentaremos das orientações, das críticas e dos critérios que os Parâmetros Curriculares Nacionais expõem a respeito do ensino/aprendizagem da língua portuguesa. Enfocaremos mais as citações que se referem aos estudos de semântica como ferramenta para uma aprendizagem linguística satisfatória.

2. O papel do professor no ensino da língua portuguesa

Como o docente deve proceder quando analisa um livro didático ou uma gramática que apresentem uma explicação insuficiente ao ensino das regras, sem confundir o aluno durante o processo de aprendizagem?

Como diz Bechara, os docentes de português são professores de linguagens e trabalham com a análise comunicativa. Para isso ensinamos por meio da análise sintática, a estrutura da frase, a escolha lexical e o seu sentido associado à comunicação pretendida.

Os signos representam algo e a significação delas num contexto está relacionada a um processo psíquico, pois tudo se passa conforme a reflexão e o conhecimento de mundo do estudante e isso o leva a fazer associações diante do enunciado e da sua aplicação ao sentido. Dessa forma percebemos que analisar uma frase e aplicar uma teoria já pronta e acabada é não dar oportunidade ao docente de refletir a respeito do contexto comunicativo. Ao estudarmos a gramática normativa, encontramos muitos pontos em que as

explicações referentes às classificações de termos e frases não são abrangentes para o entendimento do aprendiz, principalmente no tocante às vozes verbais. A partir desse momento, buscamos respaldo na análise semântica da língua como uma ferramenta, que nos permite oferecer uma melhor reflexão do enunciado, visto que a explicação dos livros que utilizados na sala de aula ora vista de forma estrutural, ora vista de forma semântica, o que muitas vezes prejudica a compreensão das regras.

Guiraud (1972, p. 27-28) diz o seguinte sobre o ensino da língua:

Voltarei a dizer que acredito – com Saussure – na necessidade das duas noções de valor estrutural e de conteúdo semântico. Longe de se excluírem, elas se completam. Com efeito, de um lado a palavra está aberta para a possibilidade de relação conduzidas pela estrutura do sistema linguístico, mas por outro lado, à medida em que tais relações, até então virtuais, são efetivamente realizadas no discurso e reconhecidas pelos locutores, o efeito de sentido que daí resulta é memorizado, e daí para a frente liga-se ao signo, conferindo-lhe um conteúdo.

Para um bom ensino reflexivo da língua materna é necessário que o professor seja bem formado e capacitado; que saiba refletir a respeito da metalinguagem e consiga ensiná-la da melhor maneira possível. O objetivo do ensino deve levar o discente a indagar sobre as possibilidades de sentido que um enunciado muitas vezes pode oferecer. O professor que tem conhecimento das regras gramaticais normativas e sabe que, muitas vezes, há uma falta de explicação lógico-semântica para compreensão das tais, contidas nos livros escolares, deve ser um mediador, apresentando em suas aulas, as teorias existentes a respeito do assunto, conforme diz Uchôa (2007, p. 47):

As inconsistências não estarão ausentes nas nossas gramáticas de finalidade pedagógica e mesmo consideradas científicas. O que não pode estar ausente é o espírito crítico do professor, com compromisso ético dele com ele mesmo, com que julga verdadeiro, em consonância com a formação linguística que tiver alcançado.

A partir daí, notamos como é necessário que o docente tenha um amplo conhecimento no estudo da língua, a fim de apresentar ao aluno o enfoque do registro segundo a gramática ensina e o enfoque semântico que exprime a realidade do sentido na comunicação/discurso.

Muitos professores atêm-se a uma mera preocupação metalinguística, longe de contribuir com tal orientação, para mostrar como uma língua se estrutura e funciona e para desenvolver o desempenho reflexivo



do aluno. Diante disso o ensino enfoca-se às definições ou explicações dos termos gramaticais seguidos de exercícios de aplicação de forma estrutural-sintática das sentenças.

Rui Barbosa, num texto de 1883, já criticava o ensino do vernáculo, por privilegiar o ensino da metalinguagem (apud Uchôa, 2007, p. 59):

Na escola atual, o ensino começa pela síntese, pelas definições, pelas generalizações, pelas regras abstratas. O fruto desse processo irracional é digno de método que sistematiza assim a mecanização da palavra, descendo-a da sua natural dignidade, para converter numa idolatria automática do fraseado. Acredita-se ainda que o processo de ensinar está em definir.

O estudante recorre à memorização de regras, o que o leva à classificação automatizada, sem que estes saibam explicar ou justificar o porquê classificatório daquele termo/frase/oração. O professor deve ensinar a teoria do livro didático adotado pela escola, mas sempre oferecer ao aluno outras explicações pertinentes à compreensão do conteúdo gramatical, fazendo a ponte entre o sentido e a estrutura da língua.

Quando o docente centra o ensino, ditando determinado número de regras e se prendendo a escassez da teoria encontrada em algumas obras, ele acaba não possibilitando que o ensino seja um dos meios fundamentais pelos quais os alunos crescerão e se libertarão intelectualmente.

Perini (apud Uchoa, 2007, p. 60) critica o ensino em geral quando salienta:

Se há algo que nossos alunos em geral não desenvolvem durante sua vida escolar é exatamente a independência do pensamento. O estudante brasileiro (e muitas vezes, também o professor) é tipicamente dependente, submisso à autoridade acadêmica, convencido de que a verdade se encontra pronta e acabada, nos livros e nas cabeças das sumidades. Daí, em parte, a perniciosa ideia de que educação é antes de tudo transmissão de conhecimento – quando deveria ser em primeiro lugar procura de conhecimento e desenvolvimento de habilidades.

Observamos que boa parte dos livros didáticos abordam a teoria das vozes verbais de forma essencialmente estrutural, incompleta e insuficiente para a compreensão das frases. Quase sempre é impossível a classificação da relação entre sujeito e predicado em ativa, passiva ou reflexiva. Por isso é necessário que o professor tenha conhecimento da teoria de outros gramáticos e estudiosos da língua, que ofereçam outras explicações semânticas para a classificação das vozes e que veremos no próximo item.

3. O que os livros didáticos e as gramáticas dizem sobre as vozes verbais

Os professores usam os livros didáticos escolhidos pela equipe pedagógica da escola e, em muitos momentos, estas obras não oferecem uma boa base teórica para o ensino da gramática normativa. Por este motivo, analisamos quatro obras de língua portuguesa que são utilizadas para o ensino da linguagem e observamos como em cada uma delas é apresentada a teoria do assunto em questão.

No livro do ensino médio *Português linguagens 2*, de Cereja e Magalhães, encontramos a seguinte definição sobre vozes verbais segundo um critério estrutural:

A voz do verbo indica o tipo de relação que o sujeito mantém com o verbo. São três as vozes verbais:

Ativa: o sujeito pratica a ação verbal e, por isso, é um sujeito agente: ‘A imobiliária do meu tio alugou todas as casas velhas da vila.’ (sujeito agente + ação verbal)

Passiva: o sujeito sofre a ação expressa pelo verbo e, por isso, é um sujeito paciente. Há dois tipos de passiva:

a) Analítica: formada pelo verbo ser ou estar mais o particípio do verbo principal: “Todas as casas da vila foram alugadas pela imobiliária do meu tio.”(sujeito paciente + verbo ser + particípio)

b) Sintética: formada pelo acréscimo do pronome apassivador, normalmente em frases nas quais o verbo precede o sujeito paciente: “Alugaram-se todas as casas velhas da vila.” (pronome apassivador + sujeito paciente)

Reflexiva: o sujeito pratica e recebe a ação verbal: ‘O garoto feriu-se com o estilete.’ (sujeito agente e paciente + pronome reflexivo). (p. 167)

Conforme o fragmento acima, constatamos que a explicação conceitual sobre as vozes verbais apresenta uma visão meramente estrutural de acordo com a sintaxe da língua, não fazendo nenhum tipo de observação a respeito do sentido da frase e não menciona que ocorre a ausência do agente da passiva na voz passiva sintética.

Vejamos o conceito de vozes verbais, segundo a gramática de Terra (2006, p. 184-185):

A flexão de voz não é marcada por desinências. O critério para se estabelecer a voz do verbo é semântico. Dependendo da relação existente entre o verbo e o seu sujeito, o verbo pode estar na voz ativa, na voz passiva ou na voz reflexiva.

Na voz ativa, o fato expresso é praticado pelo sujeito, conforme os exemplos: ‘O professor adiou a prova’ e ‘O aluno resolveu os exercícios’.

Na voz passiva, o fato expresso pelo verbo é sofrido pelo sujeito, como vemos em: ‘A prova foi adiada pelo professor’ e ‘Os exercícios foram resolvidos pelo aluno’.

Nos exemplos acima, podemos notar que o termo que funciona como objeto direto na voz ativa corresponderá ao sujeito na voz passiva, razão pela qual somente os verbos

que pedem complementos diretos (verbos transitivos diretos) admitem transformação de voz.

Há duas maneiras de se expressar a voz passiva:

a) Voz passiva analítica: formada por um verbo auxiliar, geralmente o verbo ser, seguido do particípio do verbo que exprime o fato.

‘Os livros foram lidos pelo aluno.’

‘As respostas foram dadas pelo professor.’

b) Voz passiva sintética: verbo que exprime o fato na terceira pessoa (singular ou plural, dependendo do número do sujeito) mais o pronome apassivador se:

‘Vendeu-se o livro.’

‘Venderam-se os livros.’

Na voz passiva analítica, a nomeação do agente não é obrigatória. Na voz passiva sintética, praticamente ela nunca ocorre:

‘As casas foram vendidas.’

‘Venderam-se as casas.’

Na voz reflexiva, o fato expresso é, ao mesmo tempo, praticado e sofrido pelo sujeito. O sujeito é agente e paciente ao mesmo tempo, de acordo com os exemplos: ‘O menino cortou-se’ e ‘Eu me cortei com uma faca.’

Na voz reflexiva os verbos vêm acompanhados de um pronome oblíquo átono que funciona como complemento e que estará sempre na mesma pessoa que o sujeito (sujeito e complemento são referenciais). Tais verbos são chamados verbos reflexivos. Serão sempre verbos transitivos: cortar-se, lavar-se, pentear-se, ferir-se.

Como se percebe, o conceito de voz ativa implica uma relação entre o verbo e o sujeito: precisamos reconhecer se este pratica a ação, se a recebe ou se pratica e recebe a ação ao mesmo tempo. Por isso só apresentam flexão de voz os verbos que tenham sujeito e expressem a ação. Se o verbo não tiver sujeito ou não exprimir a ação, a flexão de voz fica fora de questão.

Percebemos que Terra apresenta um conceito essencialmente gramatical e não semântico, pois ao tratar da voz ativa, numa frase como “Juliano sofreu um acidente automobilístico” a voz do verbo será considerada ativa, apresentando sujeito, verbo e complemento, o que se opõe a uma interpretação semântica, visto que o sujeito “Juliano” não “pratica a ação” e sim, “sofre a ação” do acidente. O que mostra que há um equívoco quando o autor diz que o critério para se estabelecer a voz do verbo é semântico, pois segundo a gramática normativa, também existe voz ativa mesmo quando o sujeito não pratica a ação. Então, a classificação da voz é realmente feita sob uma visão semântica? O critério seria semântico, se em sentenças como: “O animal recebeu um tiro” e “O menino levou uma surra” classificássemos o sujeito como paciente, visto que ele sofre a ação expressa pelos verbos: “receber” e “levar”, mesmo apresentando uma estrutura frasal de voz ativa. A gramática de Terra é um pouco mais abrangente em explicação do que o livro de Cereja e Magalhães, pois faz uma observação a respeito do agente da voz passiva informando que na passiva analítica, a nomeação do

agente não é obrigatória e na passiva sintética, praticamente ela nunca ocorre. O autor também menciona que se oração não apresentar sujeito ou não exprimir a ação, não há flexão de voz, o que já é um diferencial na comparação entre as duas obras.

Em oposição a proposta de Terra, de que também existe voz ativa quando o sujeito não pratica ação, Bechara fala a respeito da *passividade*, ou seja, mesmo que a estrutura sintática da frase seja classificada como voz ativa, a análise semântica mostra que o sujeito recebe a ação, ocorrendo, portanto a passividade (o sujeito sofre a ação) numa frase em que a gramática tradicional classificaria como voz ativa.

Bechara (2003, p. 195-197; 2010, p. 222-224) vai mais além dos pontos de vista apontados nas obras anteriores mencionadas, falando da *passividade*:

As vozes do verbo são ativa, passiva e reflexiva. Voz ativa: forma em que o verbo se apresenta para, normalmente, indicar que a pessoa a que se refere é agente da ação como nos exemplos: 'Eu escrevo a carta', 'Tu visitaste o primo' e 'Nós plantamos a árvore'.

Voz passiva: forma verbal que indica que a pessoa é o objeto da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se paciente da ação verbal, observemos nos exemplos: 'A carta é escrita por mim', 'O primo foi visitado por ti' e 'A árvore será plantada por nós'.

A passiva é formada com um dos verbos ser, estar, ficar, seguido de participio.

Bechara, amplia ainda mais o conceito semântico no que diz respeito à voz reflexiva o que não ocorre nas obras que analisamos até aqui. Vejamos.

A voz reflexiva indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação da transitividade):

1. podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito) como vemos nos exemplos: 'Eu me visto', 'Tu te feriste', 'Ele se enfeita';
2. podendo estar reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco): 'eles se amam', 'Nós nos carteamos';
3. podendo indicar movimento do próprio corpo ou mudança psicológica (reflexivo dinâmico): 'Ela sentou-se', 'Ela zangou-se';
4. podendo expressar sentido de 'passividade com se' (reflexivo passivo): 'Alugam-se casas';
5. podendo expressar sentido de impessoalidade (reflexivo indeterminado), conforme as interpretações favorecidas pelo contexto, formada de verbo seguido do pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere: 'Assistiu-se a festas.'

O verbo, empregado na forma reflexiva propriamente dita, diz-se pronominal."

Em consonância com um critério mais semântico da voz verbal, Bechara faz uma distinção entre passividade e voz passiva:

É preciso não confundir voz passiva e passividade. Voz passiva é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação: 'Ele foi visitado pelos amigos', 'Alugam-se bicicleta'.

Passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se não só pela voz passiva, mas ainda pela voz ativa, se o verbo tiver sentido passivo: ‘Os criminosos recebem o merecido castigo’.

Mesmo que a estrutura sintática da frase seja classificada como voz ativa, a análise semântica mostra que o sujeito recebe a ação, ocorrendo, portanto, a passividade numa frase que classificamos, segundo a gramática tradicional, como voz ativa. Para Bechara, nem sempre, a passividade corresponde à voz passiva.

A voz passiva difere da reflexiva de sentido passivo em dois aspectos:

1. Pode apresentar o verbo em qualquer pessoa, enquanto a voz reflexiva só se constrói na 3ª pessoa com o pronome se (conhecido também pela denominação de ‘apassivador’): ‘Eu fui visitado pelos meus parentes’, ‘Nós fomos visitados pelos nossos parentes’, ‘Eles abraçaram-se com emoção’.

2. Pode seguir de uma expressão que denota o agente da passiva, enquanto a reflexiva, no português contemporâneo, a dispensa: ‘Eu fui visitado pelos parentes’.

Aluga-se a casa. (Não se diz: aluga-se a casa pelo proprietário)

Todavia há casos em que se explicita o agente, como no seguinte exemplo de Drummond: ‘Não sei se devemos exaltar Pelé por haver conseguido tanto, ou se nosso louvor deve ser antes dirigido ao gol em si, que se deixou fazer por Pelé, recusando-se a tantos outros’.

Quanto aos estudos das vozes verbais, Bechara leva o aluno a questionar o porquê da ausência do agente na estrutura passiva sintética, embora haja a descrição das normas gramaticais para o bom uso da língua portuguesa. O autor ainda lista outras observações referentes à classificação dos verbos segundo um enfoque semântico mediante a algumas observações pedagógicas:

1. Em construções do tipo ‘batizei-me’, ‘chama-te José’, há professores que veem passiva pronominal, com pronomes oblíquos na 1ª e na 2ª pessoa.

Outros, porém, não pensam assim, como o professor Mattoso Câmara Júnior e interpretam o fato como um emprego da voz reflexiva, indicando “uma atitude de aceitação consciente do nome dado ou do batismo recebido”.

2. Em geral, o pronome átono que acompanha a voz reflexiva propriamente dita funciona como objeto direto, embora raras vezes possa exercer a função de indireto.

3. Com verbos como atrever-se, indignar-se, queixar-se, ufanar-se, admirar-se, não se percebe mais a ação rigorosamente reflexa, mas a indignação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada.

4. Com os verbos de movimento ou atitudes da pessoa “em relação ao seu próprio corpo” como em ir-se, partir-se, e outros como servir-se, onde o pronome oblíquo empresta maior expressividade à mensagem, também não se expressa a ação reflexa. Alguns gramáticos chamam ao pronome oblíquo, nestas últimas circunstâncias de pronome de realce.

5. Muitos verbos normalmente não pronominais se acompanham de pronome átono para exprimirem aspectos estilísticos, como a mudança lenta de estado ou processo lento: agonizar-se, delirar-se, desmaiar-se, enfiar-se, envelhecer-se, estalar-se, esvoaçar-se, palpitar-se, peregrinar-se, repousar-se, sentar-se, tresnoitar-se.



EDIÇÃO 18 - 2º SEMESTRE DE 2014

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 23/11/2014

ARTIGO APROVADO ATÉ 22/12/2014



6. Elimina-se, no estilo informal, o pronome de muitos verbos que o exigem na língua padrão: esquecer, chamar (ter nome), mudar (transferir-se), gripar, machucar, formar (eu formei em Medicina), aposentar (Ele acaba de aposentar), classificar (Ele classificou em 3º lugar) etc.

7. Inversamente, na variedade padrão, não aparecem como pronominais vários verbos que como tais por vezes são usados na variedade informal: sobressair, aludir, desabafar, acordar (despertar), consultar, mudar (de local), avultar, entre outros.

Nos exemplos acima, vemos que o livro didático e a gramática normativa não dão um enfoque semântico ao assunto, apenas dão uma noção muito estrutural das vozes verbais. Dessa forma o estudante da língua é limitado a não fazer reflexões sobre a classificação e o sentido real no tocante às vozes verbais.

Ao lecionar o conteúdo, percebe-se que os exercícios dos livros limitam-se à classificação dos sujeitos das sentenças em agente ou paciente da ação verbal em frases aleatórias e fora de contexto atrativo, sem que o aluno possa refletir a respeito do sentido. Os exercícios também objetivam a transformação de sentenças ativas para passivas e vice-versa e, na maioria das vezes, o material didático não mostra que há mudança semântica em relação à ênfase/foco nos termos após a alteração estrutural das frases. Com esse tipo de atividade, o aluno não se vê estimulado, não faz nenhuma relação do conhecimento apresentado com as situações cotidianas e, muitas vezes, questiona o porquê necessita de aprender tal conteúdo.

Alguns autores criticam o atual ensino da língua, que não estimula o raciocínio, Marques (2000) confirma tal posicionamento ao citar:

(...) o desenvolvimento da capacidade de usar a língua, na escola, deveria ser uma continuação do processo “fundador” de domínio de linguagem como processo de desenvolvimento e amadurecimento cognitivos, que é o fator que propicia crescente domínio dos processos mentais da linguagem. Isso que dizer que não há elementos que possam comprovar motivos, nem resultados que possam justificar, o ensino escolar da língua, voltado apenas para os conteúdos linguísticos tradicionais em si (...) e, ainda por cima, tratados isoladamente.

O docente deve utilizar-se de textos que condizem com a realidade do aluno como ditados populares, músicas, crônicas jornalísticas, anúncios publicitários, poemas e também os textos literários que são comumente encontrados nas obras didáticas, a fim de que o aluno desenvolva uma competência discursiva/linguística capaz de usar a língua em contextos variados, de modo a produzir e perceber diferentes efeitos de sentido. A partir do interesse, da observação e da reflexão comunicativa é que deverá ser trabalhada a morfossintaxe das vozes do verbo.

Olívia (1979) comenta a respeito do ensino da linguagem e da compreensão do enunciado: “*O significado das relações existe na inteligência do homem à maneira de valor, e não mediante as coisas em si, com formato peso e medida (...). Valor semântico é o significado das relações linguísticas*”. (p. 22)

A insuficiência de explicação será notória para os alunos que questionam a lógica dos conceitos e para os docentes que têm conhecimentos de outras teorias relativas aos estudos das vozes verbais.

Isso quer dizer que o aluno não se prende somente a fatores estruturais da frase, mas também elabora pensamento a respeito do sentido no ato comunicativo.

No próximo item apresentaremos o enfoque semântico que outros pesquisadores dão aos estudos da voz verbal e como a teoria apresentada pode facilitar a compreensão e aprendizagem do aluno.

4. O que dizem alguns estudiosos da semântica quanto ao estudo das vozes

A definição dada por Câmara Júnior (2001, p. 244) apresenta um sentido fonético e um mórfico completamente distintos. O conceito mórfico diz: “*Voz designa a forma em que se apresenta o verbo para indicar a relação entre ele e seu sujeito. Tem-se então o que se chama a voz verbal*”. Para o autor, haverá voz ativa se o sujeito for o autor da ação verbal: “*A denominação decorre da circunstância de que aí o processo verbal é tratado como uma ação, ou atividade de determinado ser sujeito, de quem na representação linguística pelo menos, parte o processo: o homem anda, o vento zune (...)*”.

Câmara Júnior apresenta de forma breve, mas não deixando de mencionar a sua visão semântica a respeito do assunto, citando casos em que a frase está na estrutura ativa, mas apresenta um sentido de *inércia*, conforme o exemplo “O menino dorme”. Também é observado o sentido de passividade (conforme a visão de Bechara, citada no item anterior) em frases como “O menino apanha uma surra”. O autor (p.244) conceitua a voz passiva, falando da mudança na estrutura frasal, como indicador para que o sujeito receba a ação, e a voz reflexiva como parte da integração entre praticar e sofrer a ação expressa pelo verbo.

Ainda há em português as apresentações secundárias da voz passiva em que o verbo tem uma forma específica para indicar a passividade em oposição à sua forma ativa, e a voz reflexiva *lato sensu*, melhor dita medial, que podemos definir como a de uma integração do sujeito ativo no processo que dele parte.

Em se tratando de uma explicação mais abrangente do assunto, Macedo (1991, p.360) é o único gramático a apontar os equívocos nas classificações das vozes verbais expostas pelas gramáticas tradicionais, explicando os problemas de correspondência entre a voz verbal ativa e passiva:

A oposição puramente formal entre ativa e passiva é artificial e, em muitos casos, não corresponde à realidade. Há verbos que recebem a denominação de ativos e só o são por denominação: cair, sofrer, sonhar e outros. (...) Há verbos que não se enquadram em nenhuma das vozes especificada, como há verbos que são enquadrados arbitrariamente, levando-se em conta apenas o aspecto formal.

A insuficiência de explicação para a classificação das vozes na língua é apresentada por Macedo em concordância com as ideias de Pottier, que apresenta uma classificação semântica com mais seis tipos de vozes que veremos neste trabalho. Pottier analisa a voz sob dois eixos de relação entre sujeito e predicado: o *endocêntrico* (é algo *dentro*, voltado para o *centro* ou *que está no centro*) e o *exocêntrico* (algo *fora* do centro, exterior, deslocado de onde deveria estar). A partir dessa divisão, o autor ressalta que as principais vozes representam esses dois eixos de relações já mencionados são a *atributiva* (em que se encaixam as vozes “*equativa, descritiva, situativa e possessiva*”) e a *ativa*, totalizando seis vozes.

Para Pottier, a voz *atributiva* se dá quando a relação é *endocêntrica*, conforme ocorre nas frases: “*O beija-flor é um pássaro*”, “*O beija-flor é colorido*”, não há uma relação de ação entre sujeito e verbo, há uma informação referente ao sujeito, uma qualidade pertencente a ele, pois “colorido” é um adjetivo e exprime uma característica do beija-flor, e “pássaro” é um substantivo que indica a classificação de espécie desse sujeito. A voz *ativa* é quando a relação é *exocêntrica*, como acontece em “*O beija-flor suga o néctar das flores*”, o sujeito atua sobre algo.

Macedo também faz menção da possibilidade de transformação da voz ativa em passiva:

(...) O sujeito passa a uma função regida com a preposição por (pelo, pela) denominada de agente da passiva e o objeto direto passa a exercer a função de sujeito paciente:

Ativa: Pedro anima o grupo.

O grupo é animado por Pedro.

A segunda oração – denominada passiva, em relação à chamada ativa tem relação endocêntrica.

Para uma oração dita ativa poder ser transferida para a chamada passiva, é preciso a caracterização exocêntrica.

Para o semanticista a oração passiva é uma oração atributiva, pois o predicado atribuí ao sujeito uma qualidade permanente ou provisória que se expressa no complemento, ou seja, ao sujeito “o grupo” é atribuído

uma qualidade provisória, a de “ser animado”, pelo agente da passiva “Pedro”. Já na voz reflexiva do tipo: “Pedro penteou-se”, temos uma oração ativa que se reflete sobre o próprio sujeito, então há uma relação exocêntrica que se transforma em endocêntrica, ou melhor, é simultaneamente as duas: exocêntrica e endocêntrica.

Como mencionamos acima, há verbos que não podemos incluir nestas três classificações, pois apresentam valores semânticos diferentes e não podem ser analisados como ativo, passivo ou reflexivo e que, muitas vezes, são classificados de forma equivocada. A visão semântica de Pottier, com os seis tipos de vozes, propõe uma melhor compreensão semântica entre sujeito e verbo.

(I) Voz existencial: ocorre em orações cujo sentido é *existir*. Ex. “Há muitos problemas”, “Ocorreu uma feira de livro”, “Eis o professor”.

(II) Voz equativa: ocorre com verbo relacional seguido de predicativo que seja substantivo. Ex. “Fábio é professor”, “Gustavo está um rapaz”.

(III) Voz descritiva: ocorre com verbo relacional seguido de predicativo que seja adjetivo. Ex. “O carro é pequeno”, “A escola é acolhedora.”

(IV) Voz situativa: ocorre com verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar. Ex. “O aluno está na sala”, “Eu cheguei a Niterói.”

(V) Voz possessiva: ocorre com o verbo “ter” e sinônimos. Ex. “O elefante possui uma tromba”, “Rebecca tem pernas grossas.”

(VI) Voz subjetiva: ocorre com verbos que indicam sentidos, estados espirituais, etc. Ex. “Ana sente sua falta”, “Ela presente o futuro”.

A teoria de Pottier nos oferece mais possibilidades de classificação das vozes, pois apresenta coerência com o sentido expresso pelo verbo no enunciado. Para Macedo, a teoria do linguista é uma visão mais esclarecedora do “problema”, mesmo que essa classificação não abranja todas as ocorrências oracionais da língua. O autor cita frases (1991, p. 362-363) características do cotidiano (expressões idiomáticas ou termos tomados conotativamente), como ‘*Você está uma mulher*’ e ‘*O gato tem bigode*’, o que facilita o ensino da língua, visto que o aluno se vê mais envolvido com o contexto comunicativo. Esta é uma forma atrativa de

ensinar a língua usando frases que são empregadas no cotidiano, enquanto em outras gramáticas, encontramos citações com frases mais complexas e muitas vezes não utilizadas em contexto comunicativo atual, pois são retiradas de obras literárias. Perini (1998, p. 15) comenta a respeito do assunto:

Os estudos de gramática portuguesa tendem atualmente a reduzir-se ao exame da literatura anterior (que por sua vez, muitas vezes se limita a repetir ou parafrasear a literatura mais antiga), complementando, ocasionalmente, com opiniões muito pouco justificadas (grifo meu). Observa-se em alguns casos uma tentativa, sempre muito tímida, de lançar mão de dados da língua atual (...).

Mattos e Silva (2008) fala sobre a relação do predicado enfocando o aspecto atributivo e existencial da voz verbal. A autora faz um estudo da sintaxe do português arcaico através de manuscritos, documentos que datam dos séculos XIII ao XV até um livro impresso na primeira metade do século XVI. Para analisar as estruturas sintáticas, ela também faz menção dos diferentes tipos de predicados, conforme o eixo atributivo apresentado por Pottier. A autora tece a seguinte consideração sobre o assunto:

O predicado é a função sintática básica ou nuclear da frase. A depender do V (verbo), núcleo do SV (sintagma verbal), que o constitui, vão ser selecionados, tanto do ponto de vista sintático como do ponto de vista semântico, os argumentos — sujeito e complementos — que estruturarão a frase. Baseada nisso, apresentarei uma classificação semântico-sintática de predicados, partindo daqueles que podem ser expressos por subconjuntos restritos de verbos para os que podem ser preenchidos por itens de um inventário aberto, nesta ordem: predicados existenciais, atributivos, intransitivos, ergativos, transitivos, bitransitivos.

Neste estudo filológico, Mattos e Silva fala sobre o conceito de dois predicados: o existencial e o atributivo:

Predicados existenciais - Esses predicados, também chamados de impessoais, se caracterizam sintaticamente por não selecionarem sujeito. Expressam-se no português arcaico pelos verbos existenciais haver e ser; por esses verbos e também fazer com SN(sintagma nominal) semanticamente temporais ou expressões de fenômenos naturais; por verbos que designam fenômenos naturais. Predicados atributivos - Reuni, sob esse título geral, as estruturas de predicação em que o verbo e seu complemento predicam ou expressam um atributo ou qualidade própria ao sujeito. Subcategorizei atributivos em quatro tipos: equativos, descritivos, locativos e possessivos. Neles, do ponto de vista semântico, se parte desde uma relação de identidade entre o sujeito e o complemento (nos equativos), até ao extremo em que uma relação semântica menos estrita entre esses constituintes se estabelece, que é expressa por atributos adquiríveis (como os predicados possessivos que designam a posse alienável).

As teorias de Bernard Pottier têm sido compreendidas e divulgadas por outros estudiosos da língua, e que esse conhecimento deve ser ampliado para que não fiquemos apenas com os conceitos oferecidos pela gramática tradicional.

Para aplicarmos as classificações das vozes verbais segundo o enfoque de Pottier, trabalharemos com alguns provérbios e ditos populares, que são muito utilizados na linguagem cotidiana e fazem parte da cultura linguística do povo, pois transmitem exemplos morais, filosóficos e religiosos. Mostraremos no próximo item, como a gramática tradicional enfocaria tais frases e como as teorias de Pottier as descreveriam.

5. Análise dos ditos populares enfocando as classificações de vozes verbais segundo a gramática tradicional e os critérios de Bernard Pottier

Preferimos selecionar alguns ditos populares, que é parte da linguagem do cotidiano, a utilizar frases de linguagem literária como exemplo para análise comparativa entre as classificações da gramática tradicional e de Pottier. Mediante a isso, fizemos a seleção de dez frases feitas ou provérbio e as enfocaremos de acordo com a teoria cabível a cada uma das partes.

1. “Um homem prevenido vale por dois”

Gramática Tradicional (GT): voz ativa (sujeito + verbo intransitivo + adjunto adverbial de modo)

Teoria de Pottier (TP): Voz equativa, pois há um verbo relacional seguido de predicativo que seja substantivo.

Na frase, o substantivo *homem* está elíptico, subentendido.

2. “*Em terra de cego, quem tem um olho é rei*”

Na primeira oração: “Quem tem um olho”, a classificação seria:

GT: voz ativa (sujeito + verbo + complemento)

TP: Voz possessiva, pois o verbo *ter* apresenta o valor de posse.

Na segunda oração, temos uma oração subordinada substantiva predicativa, visto que “é rei” se constitui predicativo da oração anterior “quem tem um olho” e “em terra de cego” é um adjunto adverbial (deslocado) de lugar.

GT: Voz ativa (sujeito oracional + verbo de ligação + predicativo do sujeito)

TP: Voz equativa, pois há um verbo relacional seguido de predicativo que seja substantivo.

3. “*De grão em grão, a galinha enche o papo.*”

GT: voz ativa (“De grão em grão” é adjunto adverbial (deslocado) de modo ou matéria + sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto)

TP: voz ativa, porque a galinha exerce a ação de encher o papo de grãos.

4. “*Gato escaldado tem medo de água fria*”

GT: Voz ativa (sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto + complemento nominal)

TP: Voz subjetiva, pois o verbo indica sentido, o gato “sente” medo de água fria.

5. “*Os últimos serão os primeiros*”

GT: Voz ativa (sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito)

TP: Voz equativa, pois a frase apresenta um verbo relacional seguido de predicativo que é uma palavra substantivada: *os primeiros*.

6. “*Papagaio come milho, periquito leva fama*”

No período acima, temos duas orações coordenadas assindéticas. Analisaremos a primeira e posteriormente a segunda.

“*Papagaio come milho*”

GT: Voz ativa (sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto)

TP: Voz ativa, pois o sujeito exerce o ato de comer algo, logo, ele é o autor da ação.

Já em “*periquito leva fama*” temos a seguinte análise:

GT: Voz ativa (sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto)

TP: voz possessiva, porque o verbo *levar* pode ser substituído por *possuir*.

E também podemos dizer que a frase apresenta *passividade* e mencionar a explicação dos professores Câmara Júnior. e Bechara sobre *tal fenômeno* que é o fato do sujeito receber a ação verbal. Lembramos que a *passividade* não ocorre só pela voz passiva, mas ainda pela voz ativa, se o verbo tiver sentido passivo. Então, o sujeito “periquito” recebe a ação de “levar a fama”.

7. “*Quem desdenha quer comprar*”

GT: voz ativa (sujeito + verbo + complemento)

TP: Voz subjetiva, pois o verbo *querer* indica “*desejar*”.

8. “*A pressa é a inimiga da perfeição*”

GT: Voz ativa (sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito)

TP: Voz equativa, pois a frase apresenta um verbo relacional seguido de um predicativo cujo núcleo é o substantivo ‘inimiga’.

9. “*Quem tem telhado de vidro não atira pedra ao vizinho*”

Esse dito é formado por duas orações. Na primeira oração “*Quem tem telhado de vidro*” temos uma oração subordinada substantiva subjetiva, pois é sujeito da oração principal “*não atira pedra ao vizinho*”. Procederemos a análise de uma e depois da outra.

Na oração: “*Quem tem telhado de vidro*”, a classificação seria:

GT: voz ativa (sujeito + verbo + complemento)

TP: Voz possessiva, porque o sentido do verbo é “possuir”.

Já a frase “*não atira pedra ao vizinho*” temos:

GT: Voz ativa, pois o verbo *atirar* indica uma ação – mesmo que semanticamente não tenha sido concretizada pelo sujeito, na frase em questão – (sujeito oracional, contido na frase anterior + verbo + objeto indireto)

TP: Voz ativa, porque o verbo *atirar* indica uma ação.

10. “*A vaca foi para o brejo*”



EDIÇÃO 18 - 2º SEMESTRE DE 2014

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 23/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 22/12/2014



GT: Voz ativa (sujeito + verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar)

TP: Voz situativa, pois a frase apresenta um verbo intransitivo “*ir*” seguida de adjunto adverbial de lugar “*para o brejo*”.

Com a análise desses ditos populares, podemos observar que a classificação das vozes verbais é, na maior parte dos exemplos, diversa da classificação da gramática tradicional. Enquanto esta se prende somente a estrutura formal da frase, ou seja, como os seus termos são organizados numa sentença, a visão de Pottier amplia a compreensão do sentido, oferecendo outras classificações de acordo com a intenção comunicativa. Macedo (2001,p.31), diz: *no estudo da língua, convém reconhecer três aspectos: a forma (aspecto material da expressão, um conjunto audível), a função (papel sintático da forma na expressão) e a substância semântica (o conceito)*. Sabemos *que* esses três aspectos reunidos não são levados em consideração nas conceituações encontradas nos compêndios gramaticais.

Por esse motivo torna-se necessário a reformulação das teorias tão limitadas, oferecidas pela gramática tradicional e pelos livros didáticos adotados para o ensino da língua, acrescentando uma visão mais ampla sobre os conteúdos gramaticais e como estes poderão ser pensados e utilizados para uma melhor reflexão da linguagem.

Se usarmos somente o critério estrutural para a classificação das frases, o aluno não indagará a respeito do valor semântico da língua e assim não se constrói um indivíduo questionador e cuidadoso com a elaboração discursiva. O resultado desse tipo de educação mostra-se no final do ensino médio com alunos que não sabem se expressar adequadamente em situações de interação oral como debates, seminários ou produzir textos, pois não conseguem formular pensamentos e desconhecem o valor das palavras, que são empregadas, muitas vezes, de forma incoerente no discurso, nas redações e nas respostas das avaliações discursivas.

Considerações finais

A semântica oferece uma visão mais ampla, através da análise reflexiva do contexto comunicativo, enquanto muitas vezes, a teoria apenas se prende a regras estruturais e classificatórias.



EDIÇÃO 18 - 2º SEMESTRE DE 2014

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 23/11/2014

ARTIGO APROVADO ATÉ 22/12/2014



Podemos constatar isso através da metalinguagem apresentada por alguns livros didáticos e/ou gramáticas que são utilizados por inúmeras escolas, e que não oferecem uma explicação abrangente sobre o assunto, dificultando o processo de desenvolvimento cognitivo do discente.

Visamos pesquisar e comparar as teorias existentes sobre o estudo das vozes do verbo e constatamos assim que, a classificação oferecida pela gramática tradicional em ativa, passiva e reflexiva é meramente estrutural e insuficiente visto que não aborda a visão semântica em sua conceituação. Também não podemos esquecer o fato de que há muitas ocorrências no processo comunicativo, em que as frases não podem ser analisadas sob esse ponto de vista.

Com a finalidade de concluir o trabalho, procuramos aplicar as teorias semânticas apresentadas sobre o assunto num contexto comunicativo popular, utilizando frases comumente usadas pelo povo, e procuramos assim apresentar uma análise segundo a visão tradicional e a visão semântica. Observamos por meio da prática, que é indispensável que se faça uma reformulação nos conceitos teóricos do estudo das vozes verbais, pois se a teoria é insuficiente, é necessária a complementação do conteúdo a ser ministrado.

Não pretendemos com esse trabalho dar o assunto por concluído, mas observamos através da prática, que é indispensável que se faça uma reformulação nos conceitos teóricos do estudo das vozes verbais, não com objetivo de priorizar a posição estrutural ou a semântica, mas unir as duas visões e elaborando um só conceito sobre o assunto, segundo a perspectiva semântico-estrutural, pois esta considera os dois aspectos, o semântico e o estrutural, funcional para a compreensão no estudo da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª edição - revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

_____. *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. 2ª edição ampliada e atualizada pelo novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

CABRAL, Leonor Scliar. Artigo in: *Confluência*, nº 21- 1 semestre de 2001 – Rio de Janeiro, págs. 30-31



EDIÇÃO 18 - 2º SEMESTRE DE 2014

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 23/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 22/12/2014



- CAMARA JR. Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 22ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CEREJA, William Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens*. Vol. Único. 2ª Ed. São Paulo: Atual, 2005.
- GUIRAUD, Pierre. *A Semântica*. São Paulo: Difusão Europeia, 1972.
- MACEDO, Walmirio. *A Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Presença, 1991.
- _____. *Dicionário de dificuldades gramaticais. Gramática de A a Z*. Rio de Janeiro, Livre Expressão, 2012.
- _____. *O livro da Semântica: estudo dos signos lingüísticos*. Rio de Janeiro, Lexikon, 2012.
- MARQUES, Maria H. D. Repensando o verbo: sintaxe e discurso. In: AZEREDO, José C. *Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- OLIVIA, Madre (Cecília C. Pereira Leite). *Sintaxe e Semântica: Reflexões para professores de Português*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- POTTIER, Bernard & AUDUBERT, Albert & PAIS Cidmar Teodoro. *Estruturas Linguísticas do Português*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.
- POTTIER, Bernard. *Presentación de La lingüística: Fundamentos de una teoria*. 2ª edição. Madrid: Alcalá, 1967.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *O Português Arcaico – Uma Aproximação – Vol. II – Sintaxe e fonologia*. Contexto, 2008.
- TERRA, Ernani. *Curso Prático de Gramática*. Ed. Reformulada. São Paulo: Scipione, 2006.
- UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. *Sobre o Ensino da Análise Sintática: História Redirecionamento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- _____. *O Ensino da gramática: caminhos e descaminhos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.